

## O TERRORISTA E A NATUREZA HUMANA

Pedro Malard Monteiro<sup>1</sup> – UFMG

### Introdução

As ciências exatas obtiveram grande avanço com seus métodos e modelos de pesquisa, que são compatíveis entre si. Uma verdade da física não contradiz uma da química, biologia, ou geologia. Quando há uma incompatibilidade entre uma afirmação da física e da biologia, entende-se que há algum engano ou erro de uma das partes. Um exemplo famoso de incompatibilidade que já foi resolvida ocorreu no século XIX quando o físico William Thomson, que mais tarde se tornaria Lord Kelvin, calculou que a terra teria entre 20 e 400 milhões de anos. Esse cálculo não coincidia com o dos geólogos e biólogos, que postulavam uma idade bem mais avançada para terra, que seria necessária para permitir certas formações geológicas e a evolução das espécies. Biólogos e geólogos estavam certos, e a radioatividade proporcionou um cálculo mais preciso, que indica uma terra de aproximadamente 4,5 bilhões de anos. Esses dados são compatíveis com a teoria da evolução das espécies proposta pela biologia e a teoria da tectônica de placas proposta pela geologia.

Já as ciências humanas e sociais foram incapazes de obter o mesmo avanço. Seus métodos de modelos de pesquisa são incompatíveis entre si e, a princípio, julga-se que elas são independentes, de forma que uma verdade da antropologia pode contradizer uma verdade da sociologia. E ambas podem contradizer verdades das ciências exatas, pois há uma predisposição de se julgar que as ciências exatas não têm muito a dizer a respeito da vida em sociedade. Julgo que isso tem atrapalhado o avanço nas ciências humanas, inclusive em áreas ligadas a literatura, apreciação estética, e estudos culturais. Uma série de fundações conceituais manteve as ciências sociais isoladas das ciências exatas por cerca de um século. Recentes descobertas em várias disciplinas esclareceram a natureza de alguns fenômenos estudados pelas ciências humanas e os conectaram a princípios e descobertas das outras áreas científicas. Propõe-se, então, a adoção de um modelo que substitua o tradicional modelo das ciências sociais e conecte a crítica literária e os estudos culturais ao resto das ciências, gerando pesquisas transdisciplinares que integrem conhecimentos de diversas disciplinas. Esse modelo, proposto por John Tooby e Leda Cosmides, entre outros, permite novas articulações sobre representação e crítica literária. Várias das articulações críticas a respeito de estética, criação literária, inspiração, aprendizado, estudos culturais, etc., são baseadas em modelos de pensamento que viam o ser humano como o centro do universo, físico e moral. Essas articulações nos chegam através de idéias brilhantes, mas nem sempre cientificamente corretas, de filósofos e cientistas que desconheciam a teoria da evolução das espécies proposta por Darwin. A teoria da evolução é ainda muito questionada, principalmente por pessoas que não a entendem profundamente e não sabem que ela tem validade científica muito sólida. A teoria da evolução serve para pesquisas no campo da medicina, fisiologia, infectologia, neurologia, entre vários outros. Mas no Brasil e em grande parte do mundo ela é, aparentemente, vista com desconfiança por áreas das ciências humanas como a antropologia, sociologia, psicanálise, e até mesmo a lingüística. Isso também é verdade no campo de estudos literários, que são apoiados em grande parte por modelos teóricos anteriores à teoria de Darwin. Esses modelos teóricos muitas vezes propõem uma natureza humana guiada por virtudes divinas e imutáveis, absolutas, externas ao homem e independentes dele. Um modelo que leva em consideração a teoria de Darwin sustenta que a mente humana é feita de mecanismos de processamento de informação representados no sistema nervoso. Esses mecanismos são adaptações produzidas através da seleção natural para solucionar o tipo de problemas que nossos ancestrais enfrentavam no seu ambiente. Muitos desses mecanismos geram alguns dos conteúdos da cultura humana, comportamentos, artefatos, e representações transmitidas linguisticamente. O conteúdo cultural gerado por esse e outros mecanismos é adotado e modificado por outros membros de uma população, o que inicia processos epidemiológicos e históricos que se inserem em contextos ecológicos, econômicos, demográficos e sociais.

---

<sup>1</sup> Pedro Malard Monteiro é residente pós-doutoral no Pós-Lit da FALE-UFMG com bolsa da FAPEMIG sob a supervisão de Júlio Jeha.

## 1. Do rigor na ciência

Jorge Luis Borges, em um conto de um parágrafo, nos diz que cartógrafos meticulosos de um império fizeram um mapa tão perfeito que ele coincidia com o império em tamanho e detalhe. Esse mapa acaba por ser considerado inútil e apodrece em cima do império, deixando resquícios despedaçados em locais desérticos. Jean Baudrillard faz uma inversão da representação de Borges. O mapa precede o mundo e engendra o território. O mundo é uma representação do mapa. É o mundo que apodrece por baixo do mapa. Restam apenas alguns vestígios do mundo real, que é refeito na imagem dos nossos desejos.

Essa análise que Baudrillard contrapõe à imagem de Borges é uma inversão do senso comum da relação entre cultura e natureza. O senso comum pode ser expresso da seguinte maneira: a natureza precede a cultura. O texto de Borges deixa claro que o mundo precede o mapa e, portanto, que a natureza precede a cultura. O que Borges ressalta é um problema de representação: é impossível fazer um mapa que coincida pontualmente com o mundo, mas se isso fosse possível o mapa resultante seria inútil. Em outras palavras: é impossível descrever a natureza com todos os detalhes, pois uma descrição exata da natureza seria tão complexa e vasta como a própria natureza; e caso fosse possível, tal descrição levaria a uma duplicação inútil da natureza, fadada a apodrecer. A inversão de Baudrillard aponta outro problema de representação. Na sociedade de consumo, desejos naturais foram cobertos, senão totalmente eliminados, por desejos estimulados por discursos culturais (propaganda, mídia, etc.), que nos dizem o que queremos. Estamos tão pré-codificados, tão cheios de imagens do que desejamos, que processamos nossa relação com o mundo completamente através dessas imagens. Estamos no mundo do simulacro. Não há mais desejos naturais que o ser humano luta para satisfazer. Em vez disso, há necessidades hiperreais culturalmente produzidas que são geradas para proporcionar trabalho e lucro. O mundo é refeito na imagem de nossos desejos. Adam Gopnik sugere que Baudrillard teria inspirado o filme *Matrix Reloaded*, dos irmãos Wachowski. Além da trilogia *Matrix*, que se oferece facilmente para exemplificar de maneira bem simples algumas ideias de Baudrillard, posso citar o *Show de Truman* como um dos filmes que explora essa complexa visão pós-moderna da representação da realidade e do mundo real. O mundo real de *Matrix* é uma completa ilusão. O personagem principal, representado por Keanu Reeves, pensa estar habitando o mundo real (cheio de pessoas, trânsito intenso, poluição, crianças famintas na África, etc.), mas está na verdade habitando uma bolha cheia de uma gosma que parece ser líquido amniótico. Dentro da bolha tubos, cabos, e outras tecnologias invasivas, fazem com que seu cérebro imagine o mundo que ele pensa ser real. Fora da bolha, o mundo real é uma mescla apocalíptica e tribal, dominado por máquinas malignas em guerra constante com as poucas pessoas que estão fora das bolhas. Os seres que habitam os destroços poluídos do mundo real são livres, fazem batucada, e só se conectam ao mundo virtual para lutar contra as máquinas. Em o *Show de Truman*, o mundo habitado pelo personagem principal é um gigantesco estúdio de televisão. Todos os seus amigos, sua esposa, as pessoas que ele vê na rua, todos são atores representando a vida real dele, que é um reality show.

O argumento de Baudrillard é mais complexo, mas a analogia é útil. O que parece ser o mundo real é uma simulação que tratamos como real por ser a única realidade que conhecemos. Acreditamos nas imagens mais do que acreditamos na realidade. A realidade virtual de *Matrix* parece tão real que um dos bravos heróis humanos acaba traindo seus companheiros para voltar ao mundo virtual numa condição social superior. Uma espécie de Judas que se corrompe por dinheiro, status, e poder, todos virtuais. O mundo de *Matrix* é o mundo de todos que vivem em posição fetal na bolha-placenta criada pelas máquinas malignas. O mundo de Truman é uma redoma fechada repleta de câmeras e habitada por atores. A mulher de Truman finge ser casada com um homem que é, para todos os efeitos, seu marido. O melhor amigo de Truman finge uma amizade que deveras sente, assim como o poeta sente a dor do eu-lírico autopsicografado por Fernando Pessoa.

## 2. A inversão de Darwin

Há várias maneiras de se imaginar como um mundo de imagens pode tomar conta do mundo real. Mas é possível enxergar o problema de representação com outro tipo de inversão, uma inversão mais útil que a de Baudrillard. Raramente essa inversão alternativa recebe qualquer tipo de atenção na teoria literária. O modelo de Baudrillard é fascinante, mas é baseado numa análise pessoal de um francês sobre o estado da cultura mundial contemporânea, dominada pela produção cultural dos Estados Unidos. Proponho um modelo baseado na biologia evolutiva e ciência cognitiva. Começo com algumas idéias levantadas por Francis Crick em seu livro *The Astonishing Hypothesis*. Francis Crick é o físico e bioquímico que colaborou na descoberta da estrutura molecular do DNA, que lhe rendeu o Prêmio Nobel em 1962. O livro trata de analisar a consciência do ponto de vista da ciência moderna. A visão é enfoque principal do livro. Crick pensa que a

expressão “ver para crer” pode significar duas coisas distintas. A primeira é que “ver para crer” significa ver alguma coisa e crer que essa coisa realmente está lá. A outra interpretação é que a coisa vista não existe realmente, mas o seu cérebro acredita que essa coisa está lá. Em muitos casos a visão corresponde bem com o que está no mundo visual diante de você. Mas em alguns casos, o que você crê ver não está diante de você. Crick não está pensando em algo tão radical quanto o mundo de *Matrix*. Ver é um processo construtivo e ativo, diz Crick, e o cérebro humano interpreta o mundo externo da melhor forma possível, de acordo com sua experiência e com a informação ambígua e limitada fornecida pelos olhos. O processo de evolução biológica garantiu que o mecanismo de visão funcionasse muito bem, mas ele não é infalível. Ilusões de ótica muitas vezes são usadas como exemplo dessa falibilidade, mas pode-se considerar também que ilusões de ótica provam que o mecanismo funciona. Existe um mundo de objetos com os quais interagimos. A incapacidade de interagir com alguns objetos pode ser extremamente prejudicial para um ser vivo. É essencial que um ser humano saiba interagir apropriadamente com outro ser humano, um tigre, ou uma banana. Para isso usamos vários mecanismos que serviram muito bem aos nossos ancestrais e que continuam nos servindo bem no mundo moderno.

Daniel Dennett discute em vários livros e palestras como as idéias de Darwin sugerem um uma estranha inversão do senso comum. Penso que essa inversão é mais elegante que a de Baudrillard, mas não menos difícil. Expresso a inversão de Baudrillard nos seguintes termos: a cultura precede a natureza. Posso expressar a inversão de Darwin da seguinte maneira: um desenho complexo pode surgir sem um desenhista. É racional pensar que um design requer um designer. Quando nos deparamos com um objeto de extrema complexidade como um telefone celular, por exemplo, concluímos que esse objeto foi feito por alguém. É de se esperar que até mesmo uma pessoa que vive em uma tribo primitiva (e que nunca tenha visto nada muito mais avançado do que uma lança feita de madeira e pedra) identifique o telefone celular como um objeto que foi feito por outros seres humanos, em contraste com objetos como tatus e cobras, que são objetos naturais, ou seja, que não foram feitos pelo homem. No século XVIII, o teólogo William Paley usou um relógio como argumento para a existência de Deus. De maneira bem simples, pode-se dizer que um tatu e uma cobra não foram feitos por um ser humano, mas elas são coisas mais complexas ainda que um relógio (que é um objeto feito por seres humanos) e, portanto, foram feitos por alguém. Esse alguém seria Deus. Essa crença em um engenheiro por trás da criação dos tatus, cobras, e seres humanos, era e ainda é muito comum porque a alternativa não era conhecida na época de Paley e é pouco compreendida hoje, de acordo com Richard Dawkins, porque ela não faz parte rotineira dos currículos escolares. A alternativa é a seleção natural proposta por Darwin.

A tradicional explicação proposta por Paley de que Deus é responsável pela complexidade da vida na terra é articulada até hoje quando se aponta para uma paisagem extremamente bela e conclui-se que ela seja prova da existência de um criador. Muitas vezes até objetos feitos por seres humanos são tidos como evidência da existência de um criador divino: uma pintura de Rembrandt, uma sonata de Mozart, uma escultura de Michelangelo, uma peça de Shakespeare. O exemplo mais notável que Paley sugeriu como evidência para a existência de um criador foi o olho humano. Até hoje sua explicação é usada por criacionistas para demonstrar que Darwin estava enganado. Ironicamente, Darwin usou o olho para demonstrar como sua teoria explica o surgimento de órgãos de extrema complexidade. Colocando de maneira bem simples: eles surgem gradualmente, passo a passo, a partir de seres capazes de se reproduzir. Uma capacidade de visão muito boa hoje é resultado de taxas maiores de sobrevivência de seres que viam um pouco melhor que as gerações anteriores. Nas palavras de Dawkins, a idéia de Darwin é que “reprodução não aleatória onde há variação hereditária, tem conseqüências de grande alcance, se houver tempo para que sejam cumulativos” (DAWKINS, 1996, p. xv).

### 3. Não existe nada doce

Outra inversão que surge das idéias de Darwin é apontada por Daniel Dennett. É natural pensarmos que amamos bolo de chocolate porque ele é doce. Mas nossa sensação de doce é causada por um detector de açúcar que evoluiu porque açúcar tem alto valor energético. Seres que metabolizam glicose e possuem detectores químicos de açúcar, têm mais chance de sobrevivência. Associar uma sensação de prazer ao ato de ingerir alimentos com muito açúcar garante que o ser com essa capacidade busque e aprecie esse tipo de alimento. Seres que buscaram e obtiveram esse tipo de alimento com mais eficiência sobreviveram em maior número e produziram mais cópias de seus genes.

Não há nada intrinsecamente doce no mel, por exemplo, ou no bolo de chocolate. Se olhássemos para moléculas de glicose no microscópio ou qualquer outro mecanismo que permita a observação de

partículas minúsculas, não veríamos a razão de elas terem um gosto doce. Para saber o motivo pelo qual o mel é doce, precisamos olhar no nosso cérebro. O argumento de Dennett é o seguinte: se você acha que primeiro havia a doçura e depois evoluímos para gostar de coisas doces, você confundiu as coisas. A doçura nasceu com o circuito do cérebro que evoluiu biologicamente. A hiena, por exemplo, evoluiu uma resistência às bactérias presentes em carne podre. Nós não temos essa resistência, então associamos o cheiro e sabor de carniça a algo extremamente desagradável, pois sua ingestão nos causa mal. É de se esperar que a hiena tenha desenvolvido uma associação diferente. De fato, constata-se que hienas salivam na presença de carniça, assim como salivamos na presença de bolos de chocolate. O rola-bosta, que come o excremento de herbívoros e onívoros, deve achar bosta uma delícia.

Da mesma maneira que não há nada intrinsecamente doce no mel, não há nada intrinsecamente sexy em Angelina Jolie ou Brad Pitt. O que existe é uma adaptação biológica nos seres humanos que nos levam a apreciar a imagem do casal hollywoodiano nas telonas do cinema. Os chimpanzés machos, em contrapartida, ignoram Angelina completamente quando vêem uma peluda chimpanzé-fêmea no cio. Caso ignorassem a chimpanzé e se oferecessem sexualmente para Angelina, não seriam eficientes reprodutores.

#### 4. Hiperreal *versus* superestímulo

Se há em Baudrillard o conceito de hiperreal, há na biologia o conceito de superestímulo. Nossos ancestrais da savana evoluíram detectores de glicose para detectar maçãs, mangas, e outras coisas doces que existem há muito mais tempo que bolo de chocolate. Nossos detectores funcionam muito bem, de forma que nosso cérebro compreende que o bolo de chocolate contém mais açúcar que uma maçã. O termo superestímulo surgiu do trabalho do etólogo Nikolaas Tinbergen. Tinbergen construiu um superestímulo artificial que simulava uma gaivota. Os filhotes de gaivota normalmente bicam o bico da mãe para que ela regurgite comida. Tinbergen constatou que os filhotes bicavam uma imitação artificial do bico da mãe gaivota com mais intensidade do que o bico da mãe gaivota. Outros superestímulos observados em animais acontecem por acaso. Um programa de ciência na televisão americana mostrou que uma espécie de besouros na Austrália, cujos machos preferem fêmeas alaranjadas de grande porte, tentavam se acasalar com garrafas de cerveja que tinham a cor laranja preferida pelos machos. Os besouros machos preferiam as garrafas de cerveja às fêmeas da própria espécie.

É desconfortável para muitas pessoas pensar que somos animais e que, portanto, temos uma série de comportamentos instintivos sobre os quais não temos controle. É muito comum pensarmos que, como nosso cérebro é muito grande, temos controle sobre nossos instintos animais. Mas não é tão comum pensar que um cérebro grande como o nosso é dotado de mais instintos que cérebros pequenos como os dos outros animais. É comum pensar que criamos nossos instintos através de práticas culturais e que, portanto, não somos guiados por qualquer tipo de instinto. É menos comum pensarmos na possibilidade de que nossos instintos controlam muitas de nossas práticas culturais. O mundo hiperreal de Baudrillard é um mundo onde não há instintos naturais, mas desejos fabricados para o nosso consumo. No mundo de simulação de Baudrillard, a Disneylândia é apresentada como imaginária para nos fazer crer que o resto é real, quando na verdade toda Los Angeles e a América ao seu redor não são mais reais, mas da ordem do hiperreal e da simulação. Essa visão de Baudrillard leva a crer que nossos desejos são completamente maleáveis, e que somos indefesos diante de imagens que nos dizem o que consumir e o que apreciar. Nossos desejos seriam gerados por imagens que não são baseadas num mundo real pré-existente. Mas a visão de superestímulo apresentada por Dennett apresenta o problema de outra maneira: nossos desejos são relacionados a estímulos naturais, vários deles essenciais para nossa sobrevivência. Instintivamente temos predileção por alimentos de alto valor energético. Um bolo de chocolate é uma espécie de superestímulo: nossas papilas gustativas imediatamente detectam que ele é mais doce, ou seja, mais energético que uma maçã. O bolo de chocolate não é uma jogada de marketing, é um superestímulo que funciona porque somos estimulados naturalmente por substâncias com alto valor energético. Imagens de mulheres e homens no cinema servem como um superestímulo: os sinais que associamos à sensualidade são exagerados por poses ou trajes que realcem as características que nosso cérebro está naturalmente programado para achar belas e sensuais. Padrões de moda mudam, mas ainda assim apreciamos a sensualidade em imagens antigas. Se hoje há homens que não acham Marilyn Monroe tão sexy é porque vêem imagens contemporâneas photoshopadas, incrementadas, alteradas para produzir um superestímulo.

Nossos desejos não são completamente maleáveis. Não pretendo aqui negar o poder de manipulação que certos discursos, imagens e instituições exercem sobre nós. Discursos falsos, imagens enganosas, instituições corruptas continuam enganando pessoas de várias maneiras. Mas nenhum tipo de propaganda

enganosa, nenhum discurso político, nenhum esforço dos produtores culturais de Hollywood nos fará gostar de carniça ou odiar bolos de chocolate.

## 5. Teoria evolutiva e o mundo real

Por que a inversão de Darwin é relevante para o estudo de Letras, e como ela pode nos fazer entender ou repensar algumas dicotomias, como o bem e o mal? Em primeiro lugar, ela oferece um ponto de vista diferente de importantes filósofos que orientam muitas discussões no campo da literatura, entre eles Jacques Derrida e Michel Foucault. Os pós-estruturalistas em geral argumentam que discursos, imagens são responsáveis pelo mundo real. Esse é um argumento poderoso que foi muito bem utilizado para desbancar discursos pseudocientíficos que justificavam escravidão, racismo, nazismo, e atitudes violentas contra minorias (mulheres, negros, judeus, homossexuais, etc.). De uma maneira simplista, resumo o argumento da seguinte maneira: vários discursos preconceituosos utilizavam argumentos científicos para subjugar esse ou aquele grupo. A informação científica era falsa, portanto a ciência é apenas outro tipo de discurso que pode ser usado para que certos grupos aleguem autoridade e superioridade sobre outros grupos.

Eu entendo que uma descoberta científica pode ser utilizada por indivíduos e instituições para obtenção de poder e prestígio. Normalmente esse esforço requer uma distorção ou reinterpretação de achados científicos. Idéias supostamente darwinianas foram utilizadas para justificar várias atrocidades, talvez porque essas idéias sejam mais difíceis de ser compreendidas que as idéias de Newton sobre gravidade. Talvez seja mais fácil para um governo totalitário justificar o extermínio de pessoas obesas manipulando idéias sobre a evolução das espécies de Darwin do que manipulando idéias sobre gravitação universal de Newton. Isso não quer dizer que as idéias de Darwin ou Newton estejam erradas. Penso que o pós-estruturalismo questionou com muita eficiência algumas idéias supostamente científicas, e ajudou a desconstruir dicotomias, demonstrando um eficiente modo de combater idéias racistas, machistas, etc. O problema é que apesar de oferecer algumas críticas válidas sobre a história da ciência, o pós-estruturalismo tem gerado uma noção de que a ciência é um apenas discurso científico, e que tal discurso serve para dar autoridade aos poderosos. Numa visão muito radical, o discurso científico é comparado ao discurso religioso, ou seja, como algo desprovido de qualquer tipo de verdade, que serve aos interesses de quem detém o poder. Mas a ciência possibilitou vacinas, computadores, geladeiras, aparelhos de telecomunicação, armas de destruição em massa, de forma que há uma forte indicação de que a ciência não pode ser simplesmente um discurso.

Eis uma idéia da ciência que não me parece ser simplesmente um discurso: as imagens são formadas pelo cérebro, que está biologicamente adaptado para interpretar informações do mundo real. O mundo real existe, pelo menos de acordo com autores como Francis Crick, que afirma haver um mundo externo independente da nossa observação. Não estamos no mundo de *Matrix*. Você não está numa bolha alucinando o mundo real, incluindo esse texto e a luz que o ilumina, permitindo que seu mecanismo de visão enxergue as seqüências de letras. Steven Pinker é outro autor que acredita na existência de um mundo real. De acordo com ele o cérebro humano nos permite sobreviver num mundo de objetos, seres vivos, e outras pessoas. Essas entidades têm forte impacto para o nosso bem-estar, e é de se esperar que o cérebro esteja bem adaptado para detectá-las.

Pinker utiliza vários argumentos provenientes da teoria evolutiva de Darwin e demonstra a consequência que dessas teorias para diversas áreas diferentes. Em seu livro *The Language Instinct*, ele demonstra algumas consequências especificamente para a área de lingüística. Em *How the Mind Works* ele discute as consequências especialmente para a psicologia. Em *The Blank Slate* ele considera as consequências para várias áreas do conhecimento, incluindo grande parte das ciências humanas. Nesse último trabalho, ele argumenta que a sabedoria relativista (estudos culturais, pós-modernismo, desconstrutivismo, entre outros) julga que a realidade é socialmente construída através de imagens, discursos, mídia, etc. Isso certamente acontece em Baudrillard, que propõe que a cultura antecede a natureza. O argumento relativista julga que a idéia de que temos acesso a fatos no mundo é ingênua. O mundo que observamos está contaminado por teorias e essas teorias, por sua vez, estão repletas de doutrinas políticas, ou seja, qualquer pessoa que alega ter acesso a fatos está simplesmente tentando exercer poder sobre os outros. Estudos sobre a percepção (que é nossa conexão mais imediata com o mundo) mostram que a questão foi mal formulada. As discussões tendem a girar em torno da idéia de que há duas formas de caracterizar a realidade: como socialmente construída, por um lado, ou como diretamente disponível. Nenhuma das duas opções é correta. De acordo com Pinker, nós realmente não apreendemos a realidade quando abrimos os olhos. Ilusões de ótica demonstram claramente que nossa percepção visual pode ser enganada. Talvez fosse melhor dizer que nosso cérebro pode se enganar com a informação recebida pelo sistema de percepção

visual. Isso aponta para a terceira opção para se caracterizar o problema: o cérebro evoluiu um sistema imperfeito, mas muito eficaz que ajudou nossos antepassados a sobreviverem e se reproduzirem em um mundo muito diferente do que hoje habitamos. O que vemos não é uma réplica do que há no mundo (cor e brilho variam com a iluminação, a projeção de um objeto na retina aumenta, diminui e é distorcido quando o objeto se move), mas o cérebro resolve esse problema de maneira que o sistema funcione: não caminhamos sem rumo, a trombar em árvores e tropeçar em todos os obstáculos. O sistema poderia funcionar de maneira bem diferente em vários animais. Há morcegos que não enxergam nada e que conseguem perceber insetos em movimento (e não trombam em vidros transparentes, ao contrário de alguns pássaros que enxergam muito bem).

## 6. Representação: bem e mal, heróis ou terroristas

Idéias científicas podem ser usadas para se rediscutir algumas teorias de representação. Em particular, interessa-me as representações de terroristas na ficção contemporânea. Romances servem como uma espécie de experimento. São como simuladores de uma realidade virtual. Podemos interpretar, avaliar e questionar mundos hipotéticos. A literatura, de maneira geral, não se ajusta a paradigmas metodológicos da filosofia, mas apresenta temas éticos com uma profundidade incomparável. Pode-se dizer que a literatura tenta resolver, investigar e teorizar dilemas humanos insolúveis. Entre eles dilemas que mentes brilhantes tentam elucidar há mais de 2500 anos, com pouco sucesso: livre arbítrio, moralidade, ética, estética, amor, inveja, e vários outros.

O confronto do bem e do mal, que orienta várias discussões sobre o terrorismo no mundo moderno, também é investigado pela literatura. A idéia de que doce não é algo que simplesmente ocorre no mundo, mas resultado de evolução biológica – que nos proporcionou detectores químicos de açúcar – pode servir para rediscutir conceitos de bem e mal. Quando romances caracterizam terroristas de maneira não estereotipada, como personagens esféricos com defeitos, qualidades, relações familiares, medos, alegrias, opiniões, e desejos, eles humanizam esses personagens e problematizam estereótipos, motivações, e dicotomias como o bem e mal. Até que ponto um ato violento pode ser justificado? Quem é terrorista, quem é um combatente, quem é um herói, quem é um mártir? Diferentes visões políticas impedem uma definição precisa, mas a ciência talvez tenha algo a dizer sobre o comportamento violento do ser humano e como ele se manifesta.

## Conclusão

Voltando ao problema inicial de representação: Borges imagina um mundo onde cartógrafos podem representar a natureza tão fielmente que ela coincide com o mundo, mas não o substitui. A representação torna-se inútil e apodrece. Baudrillard imagina um mundo onde essa estória de Borges não serve mais como alegoria. O nosso mundo globalizado, midiático, hiperreal, simulado, é um mundo de imagens que foram camuflando, eliminando, e eventualmente substituindo a realidade. As representações que criamos são imagens de outra imagem, e não representações do mundo real. Mas há outra possibilidade, descrita no trabalho de Crick, Pinker, Dennett e outros: as imagens podem distorcer a realidade e servir aos interesses de uma ideologia, mas o conceito é extrapolado por alguns teóricos, principalmente os que Pinker chama de pós-modernistas e relativistas. Com a chamada ‘crise de representação’ questiona-se a imagem: ela pode ser vista como algo que simplesmente representa (ou distorce) uma realidade externa, pré-existente, desprovida de imagens. Realidade é vista como um produto de modos de representação. Nessa visão habitamos um mundo hiperreal de imagens e representação e não um ‘mundo real’ com imagens verdadeiras e falsas. Para Pinker, a doutrina da hiperrealidade contradiz a visão comum de que existe uma realidade apartada das imagens. Baudrillard quer justamente demonstrar esse mundo que contradiz a visão comum. Mas para Pinker, é justamente o mundo real, apartado das imagens, que nos permite condenar imagens enganosas e estereótipos falsos.

Concordo com Pinker e outros autores que há uma negação da natureza humana em várias correntes das ciências sociais. A negação dessa natureza é parte de um esforço antigo de rejeitar as idéias de Darwin sobre a evolução das espécies, que além de contrariar doutrinas religiosas contradiz alguns pressupostos teóricos de vários grupos, desde os Marxistas aos pós-modernistas. Qualquer teoria que enxergue a cultura como a única força por trás de nossos desejos, atitudes, e capacidades, trata o ser humano como uma *tabula rasa* que pode aceitar qualquer informação cultural passivamente.

As conseqüências de estudos científicos para articulações filosóficas são enormes. Algumas idéias filosóficas importantes levam em conta descobertas da física, tanto da física newtoniana como da física quântica. A proposta aqui é de se levar em conta, com seriedade, a teoria de seleção natural de Darwin e analisar algumas de suas conseqüências para estudos literários e lingüísticos. Em particular pretende-se demonstrar a possibilidade de questionar teorias sobre representações literárias através das idéias de Darwin, seus críticos e seus defensores.

## Referências

BAUDRILLARD, Jean. The precession of simulacra, translated by Paul Foss and Paul Patton. In: LEITCH, V. (org.). *The Norton anthology of theory and criticism*. New York: W. W. Norton & Company, 2001.

CRICK, Francis. *The Astonishing hypothesis. The scientific search for the soul*. New York: Touchstone, 1995.

DAWKINS, Richard. *The blind watchmaker. Why evidence of evolution reveals a universe without design*. New York: Norton, 1996.

DENNETT, Daniel. Cute, sexy, sweet, funny. *You Tube*. February 2009. <http://www.youtube.com/watch?v=TzN-uIVkfjg>  
12/04/2009.

GOPNIK, Adam. The Unreal Thing – What’s wrong with the Matrix?. *The New Yorker*. [http://www.newyorker.com/archive/2003/05/19/030519crat\\_atlarge](http://www.newyorker.com/archive/2003/05/19/030519crat_atlarge). 12/04/2009.

PINKER, Steven. *How the Mind Works*. New York: Norton, 1997.

\_\_\_\_\_. *The blank slate. The modern denial of human nature*. New York: Penguin Books, 2002.